

**Cervantes em Darcy Ribeiro:  
do diálogo entre literatura e história através da autobiografia**

Erivelto da Rocha Carvalho  
(Universidade de Brasília)

**Resumo:** O presente trabalho propõe ler os *Diários Índios* (1996) de Darcy Ribeiro desde uma perspectiva autobiográfica, concebendo a autobiografia como uma modalidade discursiva que aproxima literatura e história. O diálogo entre literatura e história se estabelece a partir da recepção da obra cervantina nos diários de campo do antropólogo e educador brasileiro, fundador da Universidade de Brasília. Nas passagens em que se refere ao livro de Cervantes, Ribeiro estabelece uma clara relação entre sua experiência na mata e as expectativas provenientes do seu horizonte de leitura. Desta forma, a estruturação dos diários de campo do autor mineiro remete à sua interpretação do *Dom Quixote*, servindo de ponte que une a ficção novelesca ao registro da expedição às aldeias kaapor. Este percurso serve de oportunidade para pensar numa crítica polifônica acerca dos diários de Darcy Ribeiro, crítica que se estrutura a partir da superação da oposição rígida entre diacronia e sincronia na análise dos fenômenos literários, e que busca compreendê-los desde o princípio triádico que rege suas relações.

**Palavras-chave:** diálogo; autobiografia; Darcy Ribeiro; Cervantes; crítica polifônica.

## **1. Introdução**

Pensar no que se propõe chamar aqui de <<crítica polifônica>> requer, por um lado, um novo tratamento da obra literária, especificamente no seu aspecto formal, e, por outro lado, partir das relações de interdependência entre distintas obras ao longo do tempo e no tempo, num complexo que vai além das relações internas presente em um determinado texto.

As breves anotações que apresentaremos sobre a obra de Darcy Ribeiro buscam neste sentido fugir dos moldes da crítica que parte de uma definição dada do gênero autobiográfico, como um tipo de escritura com uns traços e características pré-definidas, e busca compreender a autobiografia como um tipo discursivo, como uma modalidade dinâmica de relações entre vozes narrativas constituídas a partir de uma palavra múltipla.

A ideia de polifonia nos aparece então como noção que serve de ponto de partida à hora de compreender as complexas relações discursivas colocadas em jogo no texto autobiográfico, e que vão muito além da dicotomia ficção/realidade, ou que toma interesse justamente a partir da superação dessa dicotomia. A polifonia como tal chama a atenção para o diálogo entre as vozes narrativas dentro do texto literário, seja ele compreendido como mero registro histórico ou jogo auto-ficcional em que se constrói e reconstrói o <<eu>> do narrador.

Se no plano formal a ideia de polifonia nos serve como ferramenta para nos aproximar da autobiografia em Darcy Ribeiro, por outro lado, a recepção da obra de Cervantes nos *Diários Índios* (1996) complementa num sentido mais amplo essa compreensão da literatura como um

processo que se dá não só na imanência dos textos, mas também na formulação de uma complexa interdependência entre eles e, especialmente, na constituição de um horizonte do mundo que se dá através dos mesmos.

Ao destacar a função libertadora que a simples menção da presença do *Quixote* cervantino exerce na autobiografia do fundador da Universidade de Brasília, pretende-se também chamar a atenção para o fato de que se concretiza aí, numa feliz e bem lograda realização, um diálogo bastante perseguido e poucas vezes alcançado entre literatura e história, pois a autobiografia de Darcy Ribeiro termina por remeter ao espaço ficcional da obra de Cervantes, o que do ponto de vista diacrônico completa a polifonia discursiva encontrada numa interpretação do texto darcyniano.

## 2. Os *Diários Índios*

Há mais de sessenta anos, Darcy Ribeiro partiu em busca dos kaapor, experiência registrada nos *Diários Índios*, seus diários de campo organizados e editados já ao final de sua vida.

Apesar de terem sido constituídos a partir de cadernos com o mais variados tipo de anotações, os mesmos são visualizados como um conjunto de cartas escritas para sua esposa Berta, em que se encontram registros que vão desde a anotação do sistema de parentesco da etnia estudada até a descrição da mitologia kaapor, passando pelas mais variadas histórias e acontecimentos que vão se sucedendo ao longo da viagem pelo interior do Brasil.

A relação contida nos *Diários Índios* é uma extensa obra dividida em duas partes, que correspondem às duas expedições feitas pelo antropólogo brasileiro no marco dos seus estudos sobre os kaapor, povo indígena presente em áreas remotas do Maranhão e do Pará no final dos anos 40. A primeira expedição começa em novembro de 1949 e termina em abril de 1950, enquanto a segunda começa em agosto de 1951 e termina em novembro do mesmo ano.

Na perspectiva da antropologia, os *Diários* são antes de tudo um amplo e detalhado relato etnográfico da situação dos kaapor, que interessavam especialmente a Darcy por sua filiação aos antigos tupinambás, foco dos primeiros relatos de viajantes sobre as civilizações indígenas do Brasil. Assim, os kaapor são chamados carinhosamente de <<tupinambás tardios>>, e entre os temas de interesse tratado nos diários está o da memória da antropofagia entre os kaapor.

Entretanto, ao longo da narração, o etnólogo vai abrindo outras possibilidades de compreensão do seu diário. Em alguns momentos ele se refere aos seus escritos como um <<diário-carta>> ou <<carta-diário>>, haja vista que sua intenção é também fazer um registro pessoal de sua vivência entre os índios.

O caráter de <<conversas escritas>> que suas notas reclamam chama a atenção, pois ele destaca um elemento até certo ponto comum em textos autobiográficos, que é o da amplificação da voz narrativa ou da consciência do autor diante do ato da escritura. No caso de Darcy Ribeiro, essa preocupação com o destinatário dos mesmos é marcante, e tem reflexos na maneira como o etnólogo constrói o relato presente nos diários.

Entretanto, o que se reivindica nos *Diários Índios* não é só o uso da linguagem com fins estritamente científicos ou documentais. Essa palavra, que se quer ao mesmo tempo escrita e falada, inscreve o relato das duas expedições numa trama vivencial que inclui temporalidades diversas, com distintas tonalidades adotadas de acordo com as circunstâncias e as necessidades de quem escreve.

No caso do discurso autobiográfico de Darcy Ribeiro, o que se vê é um desdobramento da memória através dessa voz “dupla” presente nos diários, que são estruturados ao mesmo tempo como um conjunto objetivo de registros ou diário de campo e como uma série de registros subjetivos do viajante em movimento. Esse hibridismo da natureza dos *Diários Índios* chama a atenção para a natureza dialógica da palavra nos mesmos, ou para o diálogo que se abre aí entre suas observações etnológicas e o comentário pessoal sobre a experiência da viagem realizada.

Uma das características básicas da construção do discurso de Darcy é que sua narração parte, nesses momentos iniciais, dessa espécie de direcionamento dos enunciados do autor, que leva em conta a imagem da esposa distante. Depois, ao longo do percurso, o discurso assume um caráter mais auto-reflexivo, como se o autor estivesse escrevendo para si, mas sem perder totalmente a referência longínqua do Rio de Janeiro e de sua casa.

A amplificação da voz narrativa nos diários se deixará notar a partir da multiplicação dos pontos de vista do autor, em observações ocasionadas por distintos estados de ânimo, que vão do mais completo pessimismo diante da visão do processo de aculturação e dizimação das sociedades indígenas à esperança de que a ação do antropólogo possa resultar em dias melhores para os grupos sociais pesquisados.

Nesse sentido, certo idealismo quixotesco reverbera na escrita dos *Diários Índios*, que é marcado especialmente por essa “duplicação” da voz do viajante, que diante da imagem guardada da sua companheira sonha com a melhora das condições de vida dos kaapor.

### 3. Pessimismo-utopismo em Darcy Ribeiro

No início da segunda expedição, Darcy Ribeiro comenta, dirigindo-se à esposa (que se constitui nos diários como Tu do Eu do etnólogo), a sua idéia de planos de obras que ele poderia escrever sobre os kaapor.

A primeira obra ou parte de um livro se chamaria “O pobre Vale do Ouro” e diria respeito às condições miseráveis de vida dos ribeirinhos no rio Gurupi, e as ilusões dos mesmos com histórias do pote de ouro encantado que ele ouvia os interioranos e os membros da expedição mencionarem, tal como fazia Chico Ourives, funcionário retratado pelo antropólogo como um <<Quixote de Cor>>. A segunda parte se chamaria ‘O pobre ouro do vale’, que Darcy define como o <<ouro da paz social>> perdido ao longo do tempo pelos povos indígenas.

Há uma oscilação que se repete durante os *Diários Índios*, e que repercute nitidamente na maneira como o discurso autobiográfico vai se construindo nesse relato. Darcy Ribeiro vive o dilema de trabalhar para o SPI e ao mesmo tempo sente-se, como ele mesmo afirma em uma passagem, como uma espécie de <<consciência>> dos índios diante do Estado e da sociedade brasileira.

Essa ambivalência faz com que seu discurso vá do fatalismo mais exacerbado (e ao mesmo tempo realista) até um desejo de crer numa espécie de Idade de Ouro possível, ainda que agônica, que ele busca registrar, mas sem interferir e sem procurar anulá-la. Seus comentários sobre os cuidados dos índios com a beleza não-utilitária de seu artesanato e com a perfeição em suas práticas sociais cotidianas compõem essa paisagem ideal que o antropólogo busca compreender em sua complexidade, e que se resume no que ele chama de <<vontade de beleza>> do povo kaapor diante de seus hábitos e criações culturais, elemento que diferenciaria a cultura kaapor da cultura ocidental.

O projeto implícito na viagem de Darcy se inscreve sob a ótica de uma retórica que se autodenomina romântica, mas que se apresenta como projeção de um *eu* que na conjuntura de sua época não busca um ideal de pureza. O viajante faz a apologia da mestiçagem como possibilidade de afirmação da identidade brasileira. São inúmeras passagens nos diários em que ele defende a mestiçagem como caminho possível para convivência com os índios e como novo modelo civilizacional factível, ainda que utópico, aberto à sociedade brasileira.

A oscilação entre o pessimismo-utopismo de Darcy repercute nos desdobramentos da sua memória, nos dilemas de uma subjetividade representada ante a imagem da amada. Essa oscilação se amplifica ao longo de suas <<conversas faladas>> em direção à outros paradoxos vividos no meio da mata. Sua escrita vivifica as tensões entre a objetividade científica e seu sentimentalismo romântico, e entre os aspectos cômicos e trágicos de sua narração.

É curioso constatar como, principalmente no último tramo da segunda expedição, essas tensões se tornam mais evidentes no seu texto. Seu tempo de permanência entre os kaapor começa a se esgotar, a concreção de seus planos de viagem é cada vez mais premente e as saudades de casa e de sua mulher se aguçam mais e mais.

#### 4. Aparição do *Dom Quixote*

Ainda assim, há momentos de distração em meio aos problemas e afazeres. Há momentos inclusive para o riso. Isso ocorre justamente na passagem em que ele descreve sua reação quando recebe um exemplar do *Dom Quixote* de Cervantes. Trata-se de uma passagem escrita na aldeia de Takuá, em setembro de 1951, quando a expedição já está em plena marcha:

Minha gripe melhorou um pouco, não tanto quanto desejaria, mas já não me sinto cansado e abatido como ontem. O acontecimento extraordinário foi a chegada do que será, talvez, a última carga da expedição. Um índio trouxe do Canindé um jamaxim cheio de coisas. Fiz abrir, emocionado. Eram meus brindes que chegaram. Brindes para mim tão desejados: papel higiênico, sabão, sal, talvez café, fumo. Qual o quê! Só vieram brindes para os índios: facas, tesouras, panos, cordas. Nada para mim. Só, lá no fundo, um volumezinho de *Dom Quixote*, que agarrei imediatamente e fui ler na rede. Li uma hora, gargalhando nas passagens de que gosto mais. Quando levantei, cansado, um índio deitou-se na minha rede, abriu o *Quixote* e se pôs a rir, gargalhando. Para ele, aquilo é uma máquina de rir (RIBEIRO, 1996, pp. 474-475).

Não se tratando de uma ilha deserta, mas de uma viagem pelo meio da mata, em que o etnólogo se encontra e precisa conviver com os grupos sociais estudados, a passagem tem, além de sua graça particular, uma importante sugestão para uma interpretação dos *Diários Índios*.

Diante da técnica do homem branco, só resta ao índio mimetizar os seus comportamentos ante uma situação que para ele é incompreensível. O trecho é interessante porque mostra a descoberta da antropologia brasileira pela <<antropologia kaapor>> (termo usado pelo próprio etnólogo), ou do homem brasileiro pelo homem kaapor, ou melhor, de como Darcy se vê nesse Outro tão extensamente glosado pela teoria antropológica.

A metáfora da máquina é sintomática neste contexto, porque ela se relaciona com a própria visão do etnólogo a respeito dos rumos que os contatos com as sociedades indígenas iam

tomando em seu tempo. Nada mais cômico para uma consciência que se desdobra a partir do registro e da inquisição da realidade a sua volta que se ver colocada em questão. Certamente, a escolha do *Dom Quixote* como companheiro de viagem diz muito a respeito da visão de mundo que reverbera nas notas do diário, e que se projeta através do registro da memória, numa busca que é entremeada pelo contato com outros sujeitos e com outras subjetividades.

A construção da auto-imagem do antropólogo na parte final do diário é marcada por essas referências à sua ação de amanuense, e contraposta à maneira aparentemente menos complicada como os kaapor enxergam a vida. Aparece, sim, nas notas, a construção idílica dos índios como inocentes, dentro de uma tradição que remonta à literatura romântica, mas aparece também o desconcerto do pesquisador ao sentir-se também pesquisado.

Quando chega na aldeia de Xapy, no princípio de outubro de 1951, Darcy Ribeiro volta a escrever sobre a sua situação de homem branco e escritor, o que complementa esse reverso da medalha representado em seu pensamento a partir do riso indígena diante da sua condição de etnólogo. Em Xapy, Cervantes aparece personificado num dos seus retratos, como é possível ler na segunda nota de outubro de 1951:

A casinha está cheia de gente; uma índia deitada na minha rede, enrolada em meu cobertor de lã, me chama a atenção a cada momento para pedir alguma coisa. Até seu retrato, que viram hoje em minhas mãos, já foi insistentemente pedido. Este caderno, então, parece ser das coisas mais cobiçadas, assim como o *Dom Quixote*. Este, depois que o capitão resolveu chamar a estampa de Cervantes que traz na capa de *iano* de Papai-uhú, sombra ou retrato do papai-grande. Ele está agora muito quieto, cochilando, enquanto a filha me cata piolhos e os mata nos dentes. Está engraçadíssimo com a minha sunga. Vestiu-a de manhã e não quis mais abandoná-la, pedindo que eu lha desse como parte do pagamento do capacete que me deu. Deve parecer encantadora, pois com ela se está vestido quase sem o incômodo de trazer calças (RIBEIRO, 1996, p.483).

Essa inversão da realidade tem uma dimensão cômica evidente, sendo a sunga dada pelo etnólogo essa espécie de elmo de Mambrino que lhe faz ver o engraçado da situação. Entretanto, nem tudo é riso na situação em que Darcy se encontrava. O antropólogo sabe muito bem que é preciso agradar aos capitães e preocupa-se em ter uma boa relação com todos na aldeia, senão seu destino pode ser como o de Dom Quixote, que ao final de sua viagem se transforma em objeto de burlas no palácio dos duques.

Outro aspecto do trecho citado, o sério, é o que diz respeito a personificação do Pai-Grande, ou Papai-uhú, na imagem de Cervantes, o que o identifica com o Estado-nacional brasileiro ou com um ancestral com poderes sobrenaturais. Ao fazer essa ligação, fica subentendido que o temor relacionado à essa entidade é ligada pelo chefe dos índios ao poder da técnica do retrato, do livro e da escrita, e não necessariamente à figura do antropólogo como tal. Nesse jogo de deslocamentos dos vários sentidos da realidade, o capitão Xapy não identifica diretamente o Papai-grande com Darcy, e sim com o retrato de Cervantes.

É preciso destacar esse aspecto da aventura de Darcy na mata, pois ela permite compreender a relação que se estabelece em seu relato entre o cômico e o trágico, o que se deixa ver na construção da narração a partir dessa consciência que se desdobra e se reflete ao longo dos registros memoriais. A memória, nesse caso, é o espaço privilegiado dessa duplicação do *eu* do

viajante, que se refaz a cada passo da sua viagem tendo em consideração a referência externa do *tu* da esposa amada, para além da catalogação objetiva da realidade.

Mas, como dito antes, o antropólogo não só descobre a realidade que descreve, senão que também é descoberta por ela. Não só observa, mas também é observado. No mesmo trecho em que fala da identificação do retrato de Cervantes com Papai-uhú, comenta-se a curiosidade indígena para com o visitante. Assim, pode-se ler, por exemplo:

O capitão me está perguntando, agora, quem fez o meu chapéu, se foi Papai-uhú. De tudo fazem essa pergunta, parecem concebê-lo como uma espécie de Maíra vivo, que fez todas as coisas que os *karáíwas* usam. (...)

Quando saem do chapéu é para o livro impresso, querendo saber de que é feito, se eu lhes quero emprestar a caneta para nele escrever alguma coisa mais, ali naquele mar de letras? Como são cortadas tão bem as suas páginas, se ele é feito assim como está ou por partes? E não só perguntam, vão puxando a lona do chapéu para ver a armação e forçando o dorso do livro à procura da junção das páginas. E não fica nisso; tudo, tudo é motivo de igual exame, cheio de admiração e sobretudo de perigo para meus poucos pertences. (...)

Seria um não mais acabar a enumeração de tudo que os espanta em tão poucas coisas que tenho. Em compensação, eu me pago bem, perguntando, com o mesmo rigor de pormenores, por cada coisa e me espantando de cada uso, de cada técnica, de cada hábito. Eles devem julgar-me, por isso, mais que um simples curioso, um inocente, um simples (RIBEIRO, 1996, p. 484).

Em linhas gerais, Papai-uhú possui os mesmos atributos que são de Maíra, o herói civilizador dos kaapor. A identificação anterior desse com o retrato de Cervantes ganha uma relevância especial no relato de Darcy Ribeiro, mas o importante a estas alturas é reiterar a importância do deslocamento operado na narração e no próprio olhar do viajante, que ao longo das suas notas vai ficando menos ensimesmado e passa a tomar-se como objeto da curiosidade alheia.

Se no marco inicial das suas notas autobiográficas o antropólogo as dirigia primordialmente à sua amada, com o passar dos dias e das caminhadas nas matas, bem como dos sucessos que aí vão transcorrendo, sua postura vai de auto-reflexiva à irônica. Nesse sentido, a passagem do kaapor rindo diante do *Dom Quixote* resume bem a complexidade da experiência do antropólogo que é descoberto, e que passa a retratar-se como um simples diante daqueles a quem, à primeira vista, caberia melhor essa qualificação.

A ironia presente nas anotações no último tramo da viagem de Darcy pela mata é o elo que leva do riso cômico à loucura. Ou melhor, a um tipo de loucura que pode se aproximar à loucura quixotesca pelo viés que a narração assume.

## **5. Consideração finais.**

Um dos aspectos mais chamativos da recepção do *Quixote* nos *Diários Índios* é exatamente o fato de que ele não se apresenta aí como um pretexto para uma reflexão do etnólogo sobre sua posição no meio da sociedade indígena, senão que ele é nada mais do que o sintoma que apresenta a situação *sui generis* do pesquisador diante da realidade estudada.

Citada de passagem em dois momentos específicos do texto darcyniano, a obra de Cervantes é vista ao mesmo tempo como objeto material e simbólico, porque por um lado está o exemplar do livro e por outro está o que a obra de Cervantes pode significar para o etnólogo que observa determinados grupos sociais.

Neste sentido, gostaria de tomar aqui essa dupla dimensão da recepção de Cervantes em Darcy Ribeiro como um sinal dos caminhos que uma <<crítica polifônica>> pode tomar: além de se apresentar como uma crítica da cultura, entendida no seu aspecto material e imanente, essa crítica deve assumir as relações de transcendência da obra literária ao longo do tempo, sob o signo de reduzir à literatura a somente uma das suas muitas funções.

Ao propor esse pequeno diálogo entre literatura e história na autobiografia de Darcy Ribeiro, o que se quis foi assim chamar a atenção para as possibilidades de uma concepção menos reducionista e mais abrangente dos estudos literários, que podem se abrir a outros campos do conhecimento como a filosofia da linguagem, a teoria da cultura, a própria teoria da história e de outras disciplinas das ciências humanas, tal como a antropologia entre outras.

O que se pretendeu aqui foi chamar a atenção para uma abordagem possível da experiência cultural para além das classificações das disciplinas do conhecimento, o que coloca em jogo não só as relações internas estabelecidas nos textos, mas também as relações entre esses textos, num complexo jogo em que se vê em questão não só a produção e a interpretação da obra literária, mas principalmente a dimensão comunicativa da mesma.

A singular leitura de Cervantes por Darcy nas matas brasileiras chama a atenção para o fato de como o próprio etnólogo-biógrafo constrói sua narração e sua relação com o mundo que o rodeia, e como ele ao longo do seu relato pretende transmitir essa experiência fundadora. A leitura que podemos fazer dela é mais uma etapa que continua esse processo em andamento, e é nessa perspectiva que uma <<crítica polifônica>> aos textos literários se justifica.

Como uma crítica que se quer crítica “da” obra literária, mas também “das” obras literárias, numa compreensão maior da literatura, uma <<crítica polifônica>> assume a complexidade das relações entre texto, interpretação e recepção (entendida num sentido amplo), em uma perspectiva que por ser dialógica termina por enfatizar não só a produção ou recepção dos textos, mas a relação triádica, entre eles no tempo e para além dele.

### Referências bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail. *La poétique de Dostoievski*. Paris: Seuil, 1970.
- CERVANTES, Miguel de. *Don Quijote de la Mancha*. Madri: RAE/AALE, 2004. Ed. Francisco Rico.
- DE MAN, Paul. *La retórica del Romanticismo*. Madrid: Akal, 2007.
- JAUSS, Hans Robert. *Pour une esthétique de la réception*. Paris: Gallimard, 1978.
- \_\_\_\_\_ et alii. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique*. Paris: Seuil, 1975.
- ORTEGA Y GASSET, José. *Meditaciones del Quijote*. Madrid: Alianza Editorial, 2001.
- PARÍS, Carlos. *Fantasia y razón moderna. Don Quijote, Odiseo y Fausto*. Madri: Alianza, 2001.
- RIBEIRO, Darcy. *Diários Índios: os Urubus-Kaapor*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

- \_\_\_\_\_. *Maíra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
- \_\_\_\_\_. *Uirá sai à procura de Deus*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.
- UNAMUNO, Miguel de. *Vida de Don Quijote y Sancho*. Madrid: Alianza, 2002.
- WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. São Paulo: EdUSP, 1992.